

Anarquismo, contracultura e imprensa alternativa: a história que brota das margens

João Henrique C. Oliveira ¹

Introdução

Na segunda metade do século XX uma nova configuração geopolítica marca um cenário sócio-econômico em que o progresso tecnológico torna-se o mantra predileto dos principais atores da nova ordem, que brota sobre as ruínas da II Guerra. Estados Unidos e União Soviética (URSS) desfilam seus totens da eficiência *tecnocrática*: ² viagens espaciais, mísseis, bombas, espionagem, bazófilas e fanfarrônicas de uma guerra retórica... e fria.

Tanto a ditadura do mercado (leia-se *capitalismo*) quanto a ditadura do partido *sobre* o proletariado (entenda-se “*socialismo*” ou “*comunismo*”) são irmãos siameses que vestem suas metades de forma diferente, procurando reforçar dessemelhanças e disfarçar lógicas em comum. Na prática, representam as velhas máquinas estatais encimadas por elites dirigentes portadoras de um discurso falsamente racional, endossado pela ciência e respaldado pelo aparato de propaganda.

Poucos foram tão perspicazes quanto Herbert Marcuse ao captar as feições da sociedade industrial contemporânea. ³ Para ele, o bloco capitalista estaria marcado pela chamada “dessublimação repressiva”. Ou seja: a suposta “sociedade livre” oferecia conforto material às camadas médias dos países centrais e havia uma liberdade relativa. Tal liberdade, todavia, era essencialmente voltada ao consumo ou para a escolha entre opções predeterminadas.

Dentre as camadas médias urbanas dessas sociedades abastadas estava boa parte da classe operária e dos líderes sindicais. Assim, o ímpeto revolucionário que marcara

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA), ligado ao Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC/UFF). Este artigo é um pequeno recorte de uma pesquisa recém concluída: *Do underground brotam flores do mal – Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)*.

² *Tecnocracia*: forma de governo que justifica seus atos pelos avanços científicos e tecnológicos. Característica dos dois blocos antagonísticos da Guerra Fria. Estabelece-se sobre dois pilares: o antropocentrismo e o progresso. Pode estar subjacente a democracias liberais ou regimes totalitários.

³ Para uma apreciação mais detalhada do pensamento de Herbert Marcuse, vale ler pelo menos três de seus livros mais importantes: *Eros e civilização* (1968), *Ideologia da Sociedade Industrial* (1969) e *Contra-revolução e revolta* (1973). Todas as obras foram editadas pela editora Zahar, do Rio de Janeiro. Os anos entre parênteses são os das edições consultadas.

historicamente a categoria era chutado para escanteio em troca das benesses do *welfare state*. Essa acomodação foi maior nessa geração mais antiga, que acaba por enfrentar os jovens que não passaram pelo terror das duas guerras e tinham energia de sobra para agitar velhas esquerdas acomodadas.

As observações de Marcuse e de outros pensadores também serviram de combustível para essa juventude que percebia que a propalada “revolução socialista” na URSS havia se transformado numa estrutura fechada e burocrática. A racionalidade tecnológica tornara-se a racionalidade política, e o progresso material servia de disfarce ao totalitarismo intrínseco aos dois sistemas supostamente “antagônicos”.

Para Marcuse,

A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. A tendência totalitária desses controles parece afirma-se ainda em outro sentido – disseminando-se pelas áreas menos desenvolvidas e até mesmo pré-industriais e criando similaridades no desenvolvimento do capitalismo e do comunismo.⁴

O clima pós-Segunda Guerra favoreceu, portanto, uma autocrítica no interior das esquerdas. Da mesma forma, a revelação dos crimes do stalinismo nos anos 50 provocou um baque nas fileiras do marxismo-leninismo. Muitos intelectuais romperam com as diretrizes de seus partidos comunistas locais (orientados pela cartilha de Moscou) e endossaram o que passaria para a história como o movimento das *Novas Esquerdas*. O marxismo se fragmentava em diversas correntes. Outros discursos revolucionários reivindicavam mais espaço.

O ambiente depois de Hiroshima e Nagasaki também era de pavor diante da potencialidade destrutiva das máquinas de guerra. Daí que o autoritarismo inerente a qualquer tipo de Estado passa a ser recusado pelos que não queriam compactuar com aquilo. Entre os mais jovens – os filhos do *baby boom* – ganhava vulto um clamor a práticas e teorias libertárias, que também teriam de se refletir na ação política. Da mesma forma, aumentava a contestação aos valores clássicos da sociedade ocidental, visto que foram estes mesmos valores que conduziram a humanidade à possibilidade da hecatombe nuclear. O primado da razão científica (valorizado por ambos os blocos da Guerra Fria) começava a ser abalado por pensadores que perceberam os usos ideológicos dos avanços da ciência. Por outro lado, o

⁴ MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 18.

ritmo acelerado do capitalismo e a voracidade também devastadora dos mega-Estados de inspiração marxista fazem acender o alerta para as questões ambientais.

Portanto, não fazia mais sentido falar apenas em *luta de classes, proletários contra burgueses, exploração econômica*, ou qualquer outra coisa que se limitasse ao mundo da economia política. Novas questões, novas agendas, novas atitudes entram em cena. Estudos investem na análise das estruturas de poder diluídas no cotidiano. A exploração e o autoritarismo não deviam ser encarados apenas no âmbito da relação patrão-empregado; eles deviam ser revelados e denunciados nos ambientes menos usuais, como na escola, na família ou no casamento.

A partir daí poderemos entender *como e por que* o anarquismo foi uma das influências do pensamento radical pós anos 50. Isso porque, guardando as devidas proporções históricas, muitos anarquistas tocaram nestas questões muito antes de se falar de *contracultura, Maio de 68* ou *esquerdismo*.

O ponto fundamental que propomos explorar aqui é aquilo que aproxima o ideário de diversos grupos sociais do pós-Guerra com as filosofias e táticas anarquistas de outros tempos. Ou seja: *os jovens dos anos 60/70 haviam percebido que uma mera mudança de sistemas político-econômicos não fundaria uma nova sociedade*. Havia, sim, a necessidade de uma mudança moral, que levasse mais afetividade às relações sociais, que trouxesse a política para perto, que aumentasse os canais de participação democrática e que respeitasse a liberdade e a diversidade. Pois as duas opções hegemônicas de Estados nacionais forneciam sonhos falsos de felicidade (pelo consumo ou pela suposta igualdade) e escancaradamente punham para operar seus enormes sistemas de repressão.

Participação anarquista nos movimentos sociais pós-Segunda Guerra

O anarquismo se apresenta *aos e nos* movimentos dos anos 60 como elemento de influência, infiltrando-se em discursos heterogêneos. Essa participação difusa foi maior do que como movimento orgânico, composto por bases relativamente numerosas e ideologicamente coesas. Nesse sentido, o historiador Francisco Foot Hardman procura demarcar bem as diferenças entre aquele anarquismo *histórico* (umbilicalmente ligado ao universo operário) e as propostas “anarquizantes” retomadas nos anos 60:

[...] houve uma ruptura entre o movimento anarquista mundial que interveio na luta de classes até a guerra civil espanhola, início da II Guerra Mundial, e, posteriormente, as gerações que reapareceram já nos anos 60, retomando propostas “anarquizantes”, estando filiadas, contudo, não mais ao movimento operário e sim a movimentos radicais da pequena burguesia nas Universidades, nos meios artísticos, nas manifestações da juventude na Europa e nos EUA, marcadas pelos signos de maio de 68 e Woodstock.⁵

Aquela antiga base social fora solapada por diversos flancos. No campo das esquerdas, a consolidação de estados de inspiração marxista-leninista gerou duas forças de desagregação: primeiro, com a migração de alguns militantes para partidos “comunistas” após a Revolução Russa; segundo, com a perseguição exercida por aqueles mesmos estados “socialistas”, ávidos em eliminar seus opositores. No campo das direitas, os regimes fascistas ou liberais caçaram anarquistas e radicais em geral de modo impiedoso.

Mas as idéias prevalecem, seguem na memória de alguns, são conservadas e repassadas. Nas décadas seguintes aos anos 30, o anarquismo continua exercendo influência intelectual considerável. Pois, como disse Woodcock, de forma bem poética:

Por ser na sua essência um feixe antidogmático e não-estruturado de atitudes relacionadas, que para existir não depende de nenhuma organização permanente, o anarquismo pode florescer quando as circunstâncias são favoráveis e, em seguida, como uma planta de deserto, continuar latente por estações e até mesmo por anos, esperando pelas chuvas que o farão desabrochar.⁶

Assim, já nos anos 40 e 50, o ideário anárquico será retomado por uma juventude que começava a observar as falhas e falácias dos dois sistemas dominantes da Guerra Fria. Paradoxalmente, nos países onde a tradição havia sido mais forte – como na Rússia e na Espanha – os anarquistas vergaram sob a pressão de regimes totalitários que se estabeleceram (boa parte da resistência passou a ser feita do exílio, como no caso espanhol). Contudo, nos

⁵ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.76.

⁶ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários. Vol. 2: o movimento.* Porto Alegre: L&PM, 2002, p.300.

países mais liberais, como a Inglaterra e os EUA, o anarquismo “mostrou maior vitalidade no sentido de interpretar a tradição de novas maneiras”, na opinião de Woodcock.⁷

No Reino Unido, o próprio Woodcock participa da reativação do *Freedom*, o velho jornal de Kropotkin, além de editar a revista literária *Now*. Já Herbert Read produz obras discutindo arte e pedagogia numa perspectiva libertária. Nos Estados Unidos, Paul Goodman renova a produção no campo da crítica social, com destaque para seu urbanismo inovador. E ainda nos anos 40/50, alguns escritores da geração *beat* também fazem referências ao anarquismo.⁸

Há uma relação também entre anarquismo e alguns movimentos artísticos. É o caso dos surrealistas que, depois de flertarem com o comunismo e o trotskismo, aproximam-se dos anarquistas nos anos 50. Nesse diálogo, André Breton, Benjamin Péret e outros artistas colaboraram em *Le Libertaire*, jornal da Federação Anarquista da França. Num artigo de janeiro de 1952, Breton declarava que:

Foi no negro espelho do anarquismo que o surrealismo reconheceu-se pela primeira vez, bem antes de definir-se a si mesmo e quando era apenas associação livre entre indivíduos, rejeitando espontaneamente e em bloco as opressões sociais e morais de seu tempo.⁹

Talvez não seja absurdo constatar que já havia historicamente uma *tendência libertária* no pensamento político e social. Como um grande conjunto, essa ampla filosofia libertária teria se desenvolvido ao longo dos tempos, desde a Antiguidade. Por exemplo, essa é uma opinião de Nicolas Walter, outro intelectual que ajudou a revalorizar o anarquismo nos anos 60. Num texto de 1969 ele falava sobre “anarquistas instintivos” de tempos distantes:

⁷ *Ibid.*, p.302.

⁸ A relação entre os *beatniks* e o anarquismo é bastante indireta, já que esses escritores possuíam um leque bastante eclético de referências, que incluíam a filosofia oriental, as experimentações psicodélicas e até mesmo a noção de “escrita automática” dos surrealistas. De qualquer forma, Allen Ginsberg já foi chamado de “o grande rebelde romântico e poeta-anarquista contemporâneo” pelo tradutor Cláudio Willer (Cf. GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p.7); e, num de seus livros, Jack Kerouak fez referência a “velhos anarquistas ébrios, com os cabelos desgrenhados”, dando pistas de que o ideário ácrata estava presente entre a boêmia de seu tempo (Cf. KEROUAK, Jack. *Os vagabundos iluminados*. Porto Alegre: L&PM, 2004, p.15).

⁹ BRETON, A.; FERRUA, P.; PÉRET, B. (*et.alli*). *Surrealismo e anarquismo*. São Paulo: Ed. Imaginário, 2001, p.37.

Todos conhecem os anarquistas instintivos que se negam a fazer ou a crer no que lhes dizem precisamente porque lhes tenha sido ordenado. Ao longo da história, esta tendência se encontra nos indivíduos e nos grupos que se revoltam contra quem os governam. A idéia teórica da anarquia é, igualmente, muito velha: de fato, podemos encontrar a descrição de uma idade de ouro já passada, sem governo, no pensamento da China e da Índia antigas, do Egito, da Mesopotâmia, da Grécia e de Roma [...]. Mas a aplicação da anarquia à situação presente é mais recente e é apenas no movimento anarquista do século passado [*isto é, do século XIX*] que encontramos a exigência de uma sociedade sem governo, aqui e agora.¹⁰

Portanto, no amplo conjunto de práticas e filosofias libertárias, teria se configurado, em determinado período histórico (notadamente entre os séculos XIX e XX), o anarquismo como um corpo doutrinário relativamente coeso, embora embarcando variadas correntes. Já nos anos 60/70, também apareceriam outros movimentos de caráter libertário, tais como os grupos de contracultura e até marxismos menos ortodoxos. Ser libertário não significaria, em tal acepção, ser necessariamente anarquista; mas parece quase impossível encontrar um anarquista que não se diga também um libertário.¹¹

“A na bola” pichado nos muros da contracultura

Alguns teóricos entenderam a “contracultura” justamente como uma cultura minoritária, ou como “um conjunto de valores que contradizem os da sociedade dominante”.¹² A partir daí, coexistem duas tendências. A primeira utiliza o conceito acima de fronteiras históricas, generalizando seu significado a outros períodos e movimentos sociais. Assim, seriam considerados “contraculturais” movimentos como a cristandade – na Jerusalém judaica e na Roma pagã – ou algumas seitas da Inglaterra do século XVII.

¹⁰ WALTER, Nicolas. *Sobre o anarquismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d, pp.15-6.

¹¹ O termo “libertário” data de 1850, quando o anarquista Joseph Déjacque (1821-1864) publicou o jornal *Le Libéraire*, nos EUA. Max Nettlau (1865-1944) diz que a expressão “comunismo libertário” foi usada no Congresso Anarquista Francês em 1880. A partir de 1890 se dissemina, na França, pois os ácratas evitavam uma identificação mais direta devido às duras leis contra os militantes. (As informações foram retiradas do Glossário publicado em CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Imaginário/Sedição, 2004, pp. 207-23).

¹² OUTHWAITE, William (et.ali). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.134.

Uma segunda alternativa (que preferimos utilizar aqui) é tratar a contracultura como um fenômeno historicamente circunscrito, ainda que ela possa tomar como referência movimentos distanciados até por milênios. Interessa-nos, sobretudo, o conceito contemporâneo de *contracultura*, criado na imprensa para fazer referência “aos valores e comportamentos da mais jovem geração norte-americana dos anos 60, que se revoltava contra as instituições culturais dominantes de seus pais (...)”.¹³

Um dos pioneiros nos estudos sobre a contracultura foi Theodore Roszak, que lançou um livro sobre o tema no final dos anos 60.¹⁴ Sua obra é fundamental, mas contém todos os defeitos de uma pesquisa que procura entender um objeto sem que haja um mínimo de distanciamento temporal. Além disso, é um estudo nitidamente norte-americano: após a leitura, fica a impressão de que o principal vetor da contracultura parte somente dos EUA. Nessa linha, Roszak argumenta que os jovens estadunidenses teriam mais condições de implementar a resistência ao *status quo* porque, diferentemente dos europeus, não seriam tão influenciados pela tradição socialista.

Outros autores, entretanto, defendem que grupos fora dos EUA teriam antecipado o que mais tarde viria a se tornar conhecido mundialmente por força da indústria cultural estadunidense. Um exemplo seria o *Provos* (termo derivado de “provocação”), que se forma na primeira metade dos anos 60, em Amsterdã, Holanda. Para Matteo Guarnaccia, pesquisador desse movimento, o *Provos* antecipou uma série de questões e atitudes que ganhariam o *status* de “contracultura” anos mais tarde. E um detalhe reforça nossa tese de que havia relações entre os jovens dos anos 60 e o ideário ácrata: os integrantes do *Provos* se assumiam como anarquistas e fundamentavam suas inserções políticas nos preceitos da ação direta.¹⁵

Daí que o entendimento da contracultura como fenômeno amplo não deve ignorar, a nosso ver, o cenário europeu e principalmente as agitações nos meios estudantis. Richard Gombin, por exemplo, chamou a atenção para o fenômeno do *esquerdismo*, que ele define como “uma alternativa radical ao marxismo-leninismo”.¹⁶ E, ao contrário do que julgava Roszak, a tradição socialista da Europa vai fornecer ao *esquerdismo* sua base teórica mais sólida, demonstrando que os movimentos juvenis do Velho Mundo dispunham, por vezes, de maior consciência política. Nesse sentido, não se negava o papel a ser desempenhado pela

¹³ *Ibid.*, p.134.

¹⁴ Cf. ROSZAK, Theodore. *A contracultura*. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972. (A edição original data de 1968).

¹⁵ Cf. GUARNACCIA, Matteo. *Provos*. Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.

¹⁶ GONBIM, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972, p.21.

classe trabalhadora numa eventual revolução (e as manifestações de Paris em 68, reunindo estudantes e operários, servem de prova).

O que se criticava frontalmente era o “reinado” de cerca de 50 anos do marxismo-leninismo, “monopolizando a direção ideológica do movimento revolucionário organizado”.¹⁷ Daí o combate à burocratização/reformismo dos sindicatos e partidos; ao patronato e à autoridade estatal; e às direções operárias. Nessa luta – não alinhada nem ao capitalismo, nem ao socialismo de Estado – tornam-se comuns referências ao ideário anarquista e/ou libertário:

Lutando ao mesmo tempo contra as estruturas constrangedoras da sociedade global e contra o domínio das direções operárias, os trabalhadores reencontram reflexos muito antigos, que um Proudhon e um Bakunine haviam sentido melhor do que um Marx ou Lenine.¹⁸

Esse posicionamento dos movimentos esquerdistas acabava por excluir tanto a social-democracia (por não ser revolucionária) e a chamada *oposição comunista*, entre os quais os maoístas e os trotskistas, por não negarem alguns princípios do marxismo. O *esquerdismo*, pelo contrário, não admitia dogmas como o da *ditadura do proletariado*, ao qual opunha o *princípio de autonomia*, contrário a esquemas autoritários, centralizadores, dirigistas e planificadores. Em suma, almejava-se *uma sociedade socialista com autogoverno em todos os escalões*, encampando uma luta em variadas frentes para fazer desaparecer alienações psicológicas, sexuais, culturais, ideológicas e econômicas. Tudo isso sem negar a tradição socialista, a qual Roszak entendia como travadora de uma mudança efetiva nas estruturas do *ser* e da *sociedade*.

Um dos movimentos que representou essa corrente *esquerdista* foi o 22 de Março, formado pelos irmãos Daniel e Gabriel Cohn-Bendit. Um livro lançado pela dupla, no calor dos protestos de maio/junho de 68 em Paris, tratava de ironizar justamente uma das obras maiores de Lênin – intitulada *A doença infantil do ‘esquerdismo’ no comunismo*. Para os Cohn-Bendit, era justamente a hora de ressaltar a “senilidade” do leninismo no contexto de lutas no fim dos anos 60 com um provocativo título: *O esquerdismo, remédio à doença senil do comunismo*.

¹⁷ *Ibid.*, p.12.

¹⁸ *Id.*, *ibid.*, p.19.

Assim, recuperam-se bandeiras históricas do anarquismo, como a autogestão, a greve geral e a abolição do conceito dirigente-dirigido. Negava-se o explícito *vanguardismo* em favor de uma maior pluralidade e diversidade de tendências políticas no ambiente revolucionário. Os Cohn-Bendit chegam a afirmar que a base para seu livro deve ser formada por uma antologia dos melhores textos situacionistas, anarquistas e “em menor grau, as revistas trotskistas”.¹⁹

Para os Cohn-Bendit, todas as estruturas da sociedade deveriam ser politizadas; a divisão entre trabalho intelectual e manual teria de desaparecer; e as portas das universidades deveriam ficar abertas ao povo. Além disso, ficava patente a noção – bem característica da contracultura – de que a luta se daria em todas as frentes e de que a revolução deveria também ser um jogo.²⁰ Uma revolução total, subjetiva, alegre e imediata.

Descubra uma nova maneira de se relacionar com sua companheira, ame de outra maneira, recuse a família. Não para os demais, mas com os demais; é para você que deve fazer a revolução. Aqui e agora.²¹

A questão central é que, guardadas as devidas proporções históricas, o anarquismo chamado “clássico” já antecipara algumas das idéias e práticas políticas dos anos 60/70. Leia uns dez livros que falam de contracultura e perceba o quanto são recorrentes discursos e atitudes que valorizam a *ação direta*, a *autonomia*, a *autogestão* e a *democracia direta*. Tudo isso foi dito e praticado por grupos anarquistas no passado, mas com motivações sócio-históricas bem particulares. Além disso, vemos outros traços como o *antiautoritarismo*, certa *aversão aos partidos* políticos tradicionais e o *antimilitarismo* (relacionado à luta antinuclear

¹⁹ COHN-BENDIT, Gabriel; _____, Daniel. *El izquierdismo, remédio a la enfermedad senil del comunismo*. Paris/Mayo-Junio 1968. México, D.F.: Editorial Grijalbo, 1969, p.20. Traduzido do texto em espanhol: “*en grado menor, en las revistas trotskistas*”. O “grau menor” usado pelos Cohn-Bendit se explica pelo fato já descrito por Gombin: as oposições comunistas não abandonavam por completo algumas premissas do marxismo-leninismo que não se adequavam ao “espírito” do esquerdismo. Tanto que os autores criticam, em outro ponto do livro, os “*grupúsculos marxistas-leninistas de tipo bolchevique (trotskistas o pro-chinos)*” que “*no ven en el proletariado más que una masa a la cual hay que dirigir*”. (Ver p.313).

²⁰ Aqui, mais uma vez, faz-se necessária a remissão às influências anarquistas no contexto dos anos 60/70. A noção de *revolução como um jogo* é bastante próxima a uma célebre frase da anarquista de origem lituana Emma Goldman (1869-1940): “Se eu não puder dançar, não é minha revolução!”. Outra referência nesse sentido (e que foi muito aproveitada pelos anarquistas do grupo *Provos*) é a do livro do historiador holandês Johan Huizinga, *Homo ludens*, escrito em 1938, no qual o jogo é descrito como um dos aspectos fundamentais da história da humanidade.

²¹ COHN-BENDIT, Gabriel; _____, Daniel., *op.cit.*, p.323. Tradução livre de: “*Descubre una nueva manera de relacionarte con tu amiga, ama de otra manera, rechaza a la familia. No para los demás, sino con los demás; es para ti para quien haces la revolución. Aquí y ahora.*”

no contexto específico dos anos 60/70).

Se você acha, por exemplo, que foram os *hippies* que inventaram as comunidades alternativas, saiba que no final do século XIX o italiano Giovanni Rossi tentava implantar no Brasil uma colônia anarquista de nome Cecília. Nessa comunidade, o *amor livre* foi discutido e, sobretudo, *vivido* muito antes da tal revolução sexual. Da mesma forma, na Espanha revolucionária dos anos 30, as mulheres anarquistas reivindicavam uma participação igualitária na sociedade revolucionária a ser construída e participavam de discussões sobre sexualidade.²²

Sob a sombra da ditadura: imprensa alternativa, contracultura e anarquismo no Brasil

Rivaldo Chinem nos conta que entre “1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de trezentos periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar”.²³ Desse amplo e heterogêneo conjunto, escolhemos sete periódicos para perceber as relações entre contracultura e anarquismo: *O Pasquim* (interessando, em particular, a coluna *Underground*, assinada por Luiz Carlos Maciel), *Tribo*, *Soma*, *O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*. Todos lançados entre as décadas de 60 e 90, com uma área de concentração maior entre os anos 70 e 80.

Segundo a classificação proposta por Leila Miccolis,²⁴ os primeiros três títulos da lista acima (*O Pasquim/Underground*, *Tribo* e *Soma*) identificar-se-iam mais com o que poderíamos chamar de “imaginário contracultural”. Os quatro últimos (*O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*), embora aludem por vezes à temática da contracultura, investiriam mais no resgate/reafirmção dos princípios ácratas, *ressignificados* no contexto pós-68.

Após a análise da coluna *Underground* (publicada no interior de *O Pasquim* entre 1970 e 1972), fica a impressão de que as referências de seu editor, Luís Carlos Maciel, estavam mais voltadas para a contracultura norte-americana. Não há diálogo direto com o

²² Para mais informações sobre a Colônia Cecília e a questão do amor livre, ver FELICI, Isabelle. “A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi”. IN: *Cadernos AEL*. Anarquismo e anarquistas. Campinas: Unicamp, 1999. Sobre a participação feminina na Revolução Espanhola, ler RAGO, Margareth. “Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola”. IN: *Letralivre*. Revista de cultura libertária, arte e literatura. Ano 6, nº. 33. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

²³ CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995, p.7.

²⁴ MICCOLIS, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.

anarquismo. Quando citado, vem das declarações de alguns grupos da contracultura, como o *Living Theatre*, um grupo de teatro independente que vivia uma experiência comunitária e tinha o anarquismo como influência teórica. Há mais referências a um discurso essencialmente psicanalítico, com destaque para Norman O’Brown (são inúmeras as vezes que Maciel discute ou apresenta textos desse autor). Por outras, são os aspectos religiosos/espirituais que são valorizados, como o zen budismo pregado por Alan Watts. Quando fala de Brasil, faz muitas referências ao grupo de artistas marginais representado por Waly Salomão, Hélio Oiticica, ou os mais conhecidos Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Tribo e *Soma* eram editados em menor escala, não tendo a visibilidade de *O Pasquim*. Mas, assim como *Underground*, também investiam na temática da contracultura: experimentalismo visual, busca de novas linguagens, diálogo com manifestações da indústria cultural (história em quadrinhos, *rock’n’roll*, cinema...), culto da estética psicodélica, entre outros tópicos. Mas esses dois jornais trouxeram discursos mais próximos de um imaginário radical que não negava as referências anteriores, como militância social, luta de classes e revolução. Assim, *Tribo* e *Soma* conseguem estabelecer pontes com um ideário mais plenamente revolucionário, sem abandonar os *revolucionamentos* estéticos, espirituais, comportamentais.

Nessa linha, *Tribo* (um jornal de vida curta, com três números publicados em 1972) traz críticas aos problemas sociais em Brasília – cidade onde o tablóide surge, no meio estudantil – e faz referências indiretas (lembramos dos tempos de ditadura) às prisões injustas. Neste último caso cita a desobediência civil de Henry David Thoreau (1817-1862), descrito como “um dos primeiros anarquistas americanos”.

E *Tribo* parecia querer fazer política justamente dessa forma “menos aparente”, nas entrelinhas, no discurso poético. Levando em conta a notória ignorância de muitos censores (e isso está fartamente documentado em diversas obras), a imprensa alternativa opôs-se ao regime se aproveitando dessas brechas. Somente um observador mais perspicaz poderia vislumbrar uma utopia muito próxima a um comunismo libertário na poesia de Luiz Cláudio, publicada no número de estréia do jornal:

Nós queremos viver de uma maneira muito simples;

Sem conflitos, sem neuroses, sem preocupações;

[...]

Nós queremos tudo livre e repartido

tudo solto e compreendido.
Nós queremos trabalhar juntos,
Pelos nossos ideais e pela nossa sobrevivência,
curtindo o nosso som.
Nós queremos nosso pequeno comunismo interno,
nossa consciência de grupo
e nossa consciência individual.
Nós queremos uma tribo
onde todos se super-conheçam
e se amem adoidado.²⁵

O discurso acima bem poderia ter saído de Kropotkin ou Malatesta. Ele une a noção de liberdade coletiva com a de liberdade individual (que muitos ortodoxos julgavam ser um “desvio pequeno-burguês”). Em relação a isso, Bakunin dizia: “Minha liberdade se amplia ao infinito com a liberdade do outro”. Algo que parece bem próximo do trecho do poema: “Nós queremos nosso pequeno comunismo interno, nossa consciência de grupo e nossa consciência individual.”. Grupo + indivíduo. O investimento nas pequenas células, em vez de grandes estruturas estatais, também faz lembrar os ideais das comunas, reunidas em municipalidades, depois em federações: uma concepção igualmente bakuniniana.

Já *Soma* reproduzia numa linguagem cifrada, em seu terceiro número, notícias de jornal sobre a ditadura getulista do Estado Novo (1937-45). Para os mais atentos, fica claro que a alusão a uma ditadura passada era uma forma de crítica camuflada contra a ditadura de seu próprio tempo – mais ou menos entre 1973 e 1974, já que a datação do jornal não aparece na capa do número analisado. A não-periodização – representando o *não-tempo* daquelas *não-notícias* – expõe todo o experimentalismo da publicação. Seus editores, que se consideravam uma corrente de ruptura artística dentro do campo das artes-plásticas e da poesia, reivindicavam o fim da separação entre arte e política, demonstrando o desejo de engajamento. Nesse sentido, citam Stirner e Bakunin, e falam do individualismo anarquista como uma opção ética, dando apoio às comunidades rurais livres. O posicionamento é francamente libertário, buscando se afastar tanto do capitalismo quanto do socialismo de Estado:

²⁵ CLÁUDIO, Luiz. “Nós queremos viver assim”. *Tribo*, Brasília, nº1, fev.1972, p.6.

Eis aí a grande diferença da ditadura do proletariado, hoje ditadura “sobre” o proletariado, que absorve o indivíduo de tal maneira na coletividade, massacrando-o, despersonalizando-o; enquanto que o modo de produção capitalista aliena o homem, obrigando-o a se tornar um egoísta sensual e insatisfeito através da sociedade de consumo.

O Estado é uma instituição histórica transitória, uma forma patogênica-social, a alienação fundamental.²⁶

Nosso estudo se junta a uma série de outros que buscaram como objetos a imprensa alternativa. Bons trabalhos já foram feitos nessa seara da historiografia brasileira, com destaque para o livro de Bernardo Kucinski, um bom ponto de partida devido a seu aspecto panorâmico.²⁷ Outros autores investiram em títulos específicos, privilegiando certa gama de publicações que se destacaram no período. Assim, *O Pasquim, Opinião e Movimento* são constantemente citados como experiências bem sucedidas no universo alternativo.

Por conta dessa característica, o amplo objeto “imprensa alternativa” apresenta lacunas. Uma destas se relaciona às publicações de uma determinada fatia das esquerdas, que também estava no amplo exército de opositores ao regime – dos cabeludos da contracultura aos comunistas ortodoxos. Uma minoria, um “grupúsculo” (usando o termo de Guattari),²⁸ que soprava as brasas do anarquismo histórico, que afinal não tinham se apagado.

Uma olhada atenta aos pequenos fluxos da história nos revela alguns grupos que reivindicavam a teoria e a prática anarquistas no Brasil. Eles continuaram existindo ao longo dos anos 30, 40 e 50, publicando jornais, integrando campanhas antifascistas e fundando centros de cultura social. Obviamente, são movimentos relativamente pequenos quando comparados às manifestações de massa integradas por anarquistas, como as greves gerais do início do século XX ou a Revolução Espanhola. Porém, se não quisermos fazer uma história política no estilo do historicismo do século XIX (a história dos grandes personagens e fatos), devemos estar atentos para a presença dos marginais, do cotidiano e das manifestações políticas fora dos espaços institucionais.

Assim, percebemos essas lacunas ao consultar a bibliografia sobre as esquerdas brasileiras nos tempos de ditadura (1964-85) – embora haja uma série de trabalhos que vêm

²⁶ “An Arkhe”. *Soma*, s/loc, nº3, 1974 (?), p.3.

²⁷ Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.

²⁸ Cf. GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. Pulsações políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

recuperando a participação de grupos ácratas no contexto da imprensa alternativa brasileira.²⁹ Nesse sentido, esta pesquisa serve como mais uma colaboração no esforço de trazer à luz tais experiências sócio-históricas que fazem parte da história das esquerdas. Certamente, outros casos ficarão de fora, o que possibilita a realização de novas pesquisas e abordagens.

O foco nos pequenos grupos anarquistas atuando no Brasil nos amplia o retrato das resistências do período. O particular, o *micro*, ajuda a compor o total, o *macro*. Afinal o que seria da abstração “totalidade” sem os pequenos fluxos (reais, concretos) que a compõem, que a tornam mais palpável?

Desconsiderar as *margens* significa desconsiderar que as *relações de poder* e a *luta de classes* se desenvolvem também de modo *rizomático*, atingindo variados níveis.

A luta de classes contaminou, como um vírus, a atividade do professor com *seus* alunos, a dos pais com *suas* crianças, a do médico com *seus* doentes; ela ganhou o interior de cada um de nós com *seu* eu, com o ideal de *status* que acreditamos ter de adotar para nós mesmos.³⁰

Anarquismo nos tempos de ditadura

Quando morre o militante e intelectual anarquista José Oiticica, em 1957, um dos elos geracionais do anarquismo brasileiro se rompe. Oiticica viveu o período em que o anarquismo obteve mais notoriedade entre as esquerdas. Participou da insurreição de novembro de 1918, quando um pequeno grupo pensou ser possível instituir um *soviete* no Rio de Janeiro, ou seja, um conselho de trabalhadores nos moldes da Revolução Russa.³¹ O

²⁹ Leonardo Carvalho Pinto fez uma monografia sobre o *IR* (Cf. *Imprensa anarquista: o inimigo do rei*. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em História. Santo Antônio de Jesus: Uneb, 2001) e publicou o artigo “O Inimigo do Rei: um jornal anarquista” [IN: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp.133-45.]. Waldir Paganotto desenvolveu dissertação sobre o mesmo tema [Cf. *Imprensa alternativa e anarquismo: “O Inimigo do Rei” (1977-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 1997]. Da mesma forma, Edgar Rodrigues faz menção aos jornais *IR*, *Barbárie* e *Autogestão* no livro *O ressurgir do anarquismo: 1962-1980*. (Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.). Por fim, Antônio Carlos de Oliveira trabalha com *fanzines punks*, muitos dos quais de tendência anarquista (Cf. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.).

³⁰ GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. Pulsões políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.15. O conceito de rizoma nos dá idéia de uma teia ramificada, capilarizada, na qual os variados níveis de poder se desenvolvem. O poder do professor, do homem sobre a mulher, do patrão, do psiquiatra, das instituições disciplinares (escola, prisão, hospício...). Essa leitura, que ganha vulto também entre movimentos de contracultura, é semelhante ao ponto de vista de muitos anarquistas na virada do século XIX ao XX.

³¹ Cf. ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

professor Oiticica foi preso várias vezes, entrou em choque com o bolchevismo e entrou em polêmicas com os ex-anarquistas que fundaram o PCB. E mesmo com o movimento perdendo força de massa, continuou na propaganda anarquista, tocando o jornal *Ação Direta* até os anos 50.

Os libertários mais próximos de Oiticica seguiram em frente com suas atividades culturais e publicações. Outros ativistas prestam uma homenagem ao criarem o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO) em 1958. O CEPJO realizava palestras, cursos e conferências sobre os mais diversos temas, tais como psicanálise, literatura, medicina, maçonaria e, obviamente, socialismo libertário. Em 1969 (em pleno regime militar) o Centro foi invadido por agentes da Aeronáutica, teve objetos destruídos, livros apreendidos e documentos rasgados. Alguns diretores do CEPJO haviam sido presos no Quartel da Aeronáutica, na Ilha do Governador. Outros detidos foram os estudantes ligados ao Movimento Estudantil Libertário (MEL), acusados de associação ao CEPJO e de distribuir “material subversivo”. Embora declarados “mortos” por boa parte da historiografia brasileira que aborda o período pós-fundação do PCB, o anarquismo e seus militantes não estavam tão falecidos assim para os aparelhos repressivos do Estado.

Por diversas vezes, no decorrer dos cursos e palestras realizadas semanalmente no CEPJO, apareceram pessoas estranhas aos meios culturais. Algumas delas, valendo-se da liberdade dos debates, da praxe libertária [...].³²

No inquérito policial (reproduzido por Edgar Rodrigues) consta que os militantes – 16 ao todo – foram detidos com base na famigerada “Lei de Segurança Nacional”, acusados de difusão de “idéias incompatíveis com a Constituição Brasileira”, “manutenção de atividades perigosas”, “ofensa moral à autoridade” e “incitamento público à desobediência”. No julgamento, a defesa alegou, com base nos estatutos do CEPJO, que a doutrina anarquista não havia sido divulgada no local (uma mentira providencial, obviamente) e que não havia provas suficientes para caracterizar uma “ação subversiva”. Felizmente, todos foram absolvidos.

Outro local que manteve acesa a chama do anarquismo no Brasil foi o Centro de Cultura Social (CCS) de São Paulo. Fundado em 14 de Janeiro de 1933, ele é resultante de uma tradição anarquista que remonta aos inícios do século XX. Conforme bem observou Foot

³² RODRIGUES Edgar. *O anarquismo no banco dos réus*. (1969-1972). Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993, p.50.

Hardman,³³ os anarquistas foram bastante ativos no que se refere às atividades culturais. Nesse sentido, os CCS serviam de espaço de convivência e de reforço dos laços identitários. Neles se realizavam diversas atividades, como palestras, encenações teatrais, apresentações musicais, bailes etc.

O golpe de 1964 e a ditadura que se estabeleceu provocaram receio nos militantes que restaram. Não era recomendável atuar abertamente. Assim, o CCS de São Paulo resolve dar um tempo em suas atividades (e o exemplo da repressão ao CEPJO, no Rio, reforçava o temor dos militantes paulistas). Reuniões, debates e correspondências passam a ocorrer de modo clandestino.

Mas no final dos anos 70, com a relativa abertura do regime, novos grupos anarquistas foram surgindo. No ano de 1977, por exemplo, começa a ser publicado, em Salvador (BA), o periódico *O Inimigo do Rei (IR)*. Um jornal simultaneamente militante e bem humorado, engajado e desbocado, que exalava um inconfundível perfume contracultural, trazendo em suas páginas desde textos falando sobre os mártires de Chicago até matérias sobre sexualidade e maconha.

A experiência editorial do *Inimigo* surpreendeu pela longevidade: de 1977 a 1988, com alguns hiatos. Depois dos primeiros números, a Bahia ficou pequena: colaboradores do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outros lugares participavam com textos e notícias que tornavam realidade a presença do anarquismo no país. Os ataques do *IR*, desde seu número de estréia, demonstravam a opção bem típica do anarquismo e de correntes de contracultura: o não alinhamento em relação tanto aos governos de direita quanto aos partidos de esquerda. Esse *terceiro caminho* permitia ao *IR* uma postura crítica diante do processo de “redemocratização”, vista pelos editores e colaboradores como um projeto das elites, um mero rearranjo de poder que não beneficiaria a população em geral.

Como em *IR*, a revista *Barbárie* (Salvador, 1979-82) traz um leque muito semelhante de temas: anarquismo, autogestão, movimento operário, minorias sociais (indígenas, homossexuais, negros, mulheres...), pedagogia libertária, embate anarquismo vs. marxismo (talvez com menos virulência no *antimarxismo*, comparado ao *IR*) e espaço para correntes filosóficas contemporâneas que vinham rediscutindo o papel do poder, do Estado e das instituições (Foucault, Deleuze, Chomsky, Guattari...).

O discurso de apresentação do Coletivo *Barbárie* resumia sua proposta:

³³ Cf. HARDMAN, Francisco Foot., *op.cit*, *passim*.

Em contraposição à “barbárie” destruidora do mundo atual, contrapomos outra, libertária e criadora, que nascerá dos escombros dessa primeira. Ao invés do trabalho escravizado e rotineiro, propomos o “direito à preguiça”, o trabalho livre e associativo, autogerido. Ao controle de nossos corpos pelos poderes (pais, educadores, médicos, etc.) sugerimos o direito de dispor de nossos corpos e deles retirarmos todos os prazeres. Em oposição à civilização moderna, burocrática e hierarquizada, propomos a “barbárie” criadora. E libertária.³⁴

IR e *Barbárie* representavam grupos sociais bem semelhantes. E naquele contexto de “abertura” e “anistia” – momento em que os “grandes nanicos” (notadamente *Em Tempo* e *Movimento*) se celebrizaram pela defesa das “instituições democráticas”, pelo Partido dos Trabalhadores e pelo retorno dos exilados políticos – esses coletivos voltavam sua carga discursiva contra muitas daquelas bandeiras, tendo como base as idéias clássicas do anarquismo (principalmente a profunda desconfiança diante da democracia parlamentar burguesa). Nesse ponto, *IR* e *Barbárie* se equivaliam na ácida crítica ao regime que supostamente se amansava.

Atualmente, esse próprio regime que torturou e esmagou a maioria do povo brasileiro fala, como se nada tivesse acontecido, em “abertura democrática” e até mesmo em “anistia”.³⁵

Já o número 3 de *Autogestão* (São Paulo, junho de 1980) – o único no acervo de imprensa alternativa do Arquivo Geral da Cidade – mostra-se, de todos os periódicos anarquistas analisados, o mais simples em termos gráficos. Um formato de revista, 46 páginas datilografadas e fotocopiadas com raríssimas ilustrações. A proposta da publicação pode ser avaliada pelas chamadas de capa, fazendo referência, sobretudo, a discussões teóricas. Há traduções de textos de autores como Richard Gombin (“A Teoria do Comunismo de Conselhos), Henry Lefevre (“Felicidade e Cotidianeidade”) e Carlos Semprun Maura (“Sonhos e Mentiras da Autogestão”). Intelectuais brasileiros como Maurício Tragtenberg também colaboram nesse número. A escolha dos textos revela uma posição aberta da

³⁴ COLETIVO BARBÁRIE. “Apresentação”. *Barbárie*. Salvador, nº1, jul. 1979, p. 2.

³⁵ “Quem tem medo?”. *Barbárie*. Salvador, nº1, jul. 1979, p.3.

publicação, permitindo espaço a temáticas e autores libertários, mas não necessariamente anarquistas.

No editorial, o mesmo tom crítico diante do processo de abertura, muito discutido no período. Na análise buscava-se chamar a atenção para a manutenção das velhas estruturas de poder e criticar os métodos da abertura proposta pela ditadura enfraquecida.

Eis a regra básica do método, que define com considerável clareza para onde caminha o processo de Abertura Política, que do Planalto se irradia; a preservação do poder através da distribuição de migalhas à massa esfomeada e endurecida depois de 16 anos de ofensas.³⁶

Essa imprensa alternativa anarquista, tendo como marco a publicação de *O Inimigo do Rei*, continua sua atividade, mesmo após a “morte” do jornal baiano. O coletivo que publicou *Utopia* (1988-92), de certa forma, é a continuação dessa mesma linhagem, reunindo elementos de diferentes gerações. Faziam parte dele, por exemplo, Ideal Peres e sua esposa Ester Redes, além de antigos militantes envolvidos no episódio de repressão ao CEPJO, em 1969. Outro militante das antigas era Jaime Cubero, com toda uma vida divulgando as idéias anarquistas no país. A estes se juntam elementos de uma nova geração, como Pedro Simonard, Renato Ramos, Pedro Kroupa, Paulo Alcântara e outros. O elo entre gerações, já observado em publicações como *IR* e *Barbárie*, se repete no grupo carioca.³⁷

Dos quatro títulos anarquistas pesquisados, *Utopia* é o que apresenta a diagramação mais leve e equilibrada, com boas escolhas de ilustrações. Em relação à temática, tinha muito em comum com os outros jornais. Contudo, há uma característica que se sobressai: o investimento no tema da *ecologia social*. Logo no primeiro número é publicado um artigo traduzido de Murray Bookchin (“Ecologia e pensamento revolucionário”, pp.6-7), anarquista estadunidense que foi um dos responsáveis pela aproximação entre anarquismo e ecologia no fim dos anos 60. Ele voltaria à revista com outro texto no número 4 (verão-outono de 1991).³⁸

³⁶ “Editorial”. *Autogestão*, São Paulo, nº3, jun. 1980, p.I.

³⁷ Antes da publicação de *Utopia*, já vinham sendo realizadas reuniões no chamado Centro de Estudos Libertários (CEL), organizado em torno da figura de Ideal Peres. Além disso, outros coletivos já se formavam na cidade em meados dos anos 80, como o Grupo Anarquista José Oiticica (GAJO).

³⁸ À *ecologia social* interessaria o estudo das interações entre a sociedade e a natureza. É uma das correntes mais influentes do chamado “eco-anarquismo” e deve muito de seus postulados aos trabalhos de Murray Bookchin (1921-2006). Ao lado de questões especificamente ambientais, a *ecologia social* busca compreender as crises

Em 1992, a revista pára de sair. Mas o encerramento foi relativo apenas à publicação, pois os militantes continuavam a se reunir no Centro de Estudos Libertários (CEL). Outras publicações também surgiram, como o jornal *Mutirão*, publicado a partir de março de 1991, tendo como bandeira o engajamento nas lutas camponesas e dos sem-teto. Também surgia em 1991 o informativo do CEL: *Libera...Amore Mio* (depois, somente *Libera*). O jornal torna-se uma das experiências mais duradouras da imprensa libertária, tendo completado 16 anos (136 números lançados) no ano de 2006, agora como informativo da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ).

Conclusões

No solo castigado da atualidade, sementes de rebeldia são arrancadas violentamente. Intolerância e autoritarismo são moedas ainda comuns, e a “maior democracia do planeta” é um imenso teatro tragicômico, mal conseguindo esconder os ímpetus imperialistas que escorrem por suas mandíbulas.

Nesse quadro, pequenas células mantêm vivo o pensamento libertário, autônomo, autogestionário. É um *neo-anarquismo*, conforme um tanto impropriamente nomeou Woodcock (pois, em essência, ainda se trata de anarquismo), surge mesclado (e mesclando-se) nos mais destacados movimentos sociais da atualidade: os magonistas e zapatistas, no México; os Movimentos de Trabalhadores Desempregados (MTDs), na Argentina; as propostas de mídia independente em todo o mundo; ou as ocupações urbanas no Brasil e os *squatts* europeus.

Nos anos 90, os movimentos antineoliberalismo contaram com muitas bandeiras negras entre as marchas de Seattle ou Gênova – onde, afinal, foi um jovem anarquista a ser assassinado por policiais. Os *Black Blocs* (com suas máscaras negras) clamam por ação direta como os anarco-sindicalistas de ontem. Os *squatters* na Europa e as ocupações urbanas dos sem-teto brasileiros reeditam, de certa maneira, a sede por autonomia e autogestão das comunidades libertárias do fim do século XIX. Mais do que idéias ou idealismos reavivados, trata-se de presença concreta, em movimentos sociais ativos, nas ruas, nos choques, nas lutas de classe de cada dia.

ecológicas como subprodutos do modo de produção capitalista. Para mais informações cf. BOOKCHIN, Murray. *Sociobiologia ou Ecologia Social?* Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

A conclusão mais óbvia a que chegamos com este trabalho é a seguinte: não há como ignorar a presença anarquista nos movimentos sociais desde, pelo menos, as explosões de Maio de 68. E, antes de ser a opinião de um mero pesquisador num país subdesenvolvido, ela é compartilhada por “autoridades” que têm espaço para escrever em bastiões da “esquerda esclarecida”, como a *New Left Review*.

[...] boa parte daqueles que gostariam de ver uma mudança revolucionária poderia não se sentir satisfeita plenamente ao comprovar que **a maior parte da energia criativa e da política radical provém, na atualidade, do anarquismo** – uma tradição que, até bem pouco tempo, boa parte deles desprezava – e que levar a sério este movimento levará necessariamente a assumir com ele um compromisso respeitoso. [...]

O anarquismo é o coração do movimento, sua alma; a fonte de boa parte do que nele podemos encontrar de novo e auspicioso.³⁹

Mas todo cuidado é pouco, pois os legados dos movimentos dos anos 60 apresentam-se na atualidade diluídos nas mais variadas interpretações – que podem tanto alimentar discursos revolucionários quanto ajudar a manter intactos os arranjos de poder. Castoriadis, num texto de 1986, criticava justamente as tendências que interpretavam o Maio de 68 “em termos de preparação (ou aceleração) do ‘individualismo’ contemporâneo”, tratando de apagar “tudo aquilo que introduziu uma formidável inovação”.⁴⁰

Buscamos ressaltar que a interpretação dos movimentos de contracultura e dos “novos anarquismos” só pode se operar satisfatoriamente levando em conta toda essa problemática. Não há como salvar ou condenar em bloco aquele período, mas percebê-lo como dotado de potenciais caminhos para a transformação. Logo, a atitude aqui explicitamente assumida é aquela em favor de uma memória que ressalte a força de

³⁹ GRAEBER, David. “The new anarchists”. *New Left Review*, nº 13, jan/feb 2002, pp.61-2. Na versão em espanhol, de onde extraí a citação, está nas páginas 139-40. Obtive o artigo em versão PDF do sítio <http://newleftreview.org/A2368>. O trecho acima é uma tradução livre do original que se segue: “[...] buena parte de aquellos a los que les gustaría ver un cambio revolucionario podrían no sentirse contentos del todo al comprobar que la mayor parte de la energía creativa de la política radical proviene en la actualidad del anarquismo – una tradición que hasta la fecha buena parte de ellos ha despreciado – y que tomar en serio a este movimiento supondrá necesariamente asumir con él un compromiso respetuoso. [...] El anarquismo es el corazón del movimiento, su alma; la fuente de buena parte de lo que en él podemos encontrar de nuevo y esperanzador.”

⁴⁰ CASTORIADIS, Cornelius. “Os Movimentos dos Anos 60”. IN: *Sobre o Conteúdo do Socialismo/Os Movimentos dos Anos 60*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d, p.67.

determinados *imaginários radicais* daquele contexto específico (sempre em conexão com referências passadas).

Não se trata de rasteira *romantização* dos movimentos dos anos 60 ou do próprio anarquismo. Antes, é uma sincera tentativa de fazer emergir deles algo que possa nos fornecer armas na luta atual, cotidiana e incessante contra o avanço de um modo de produção (entendido aí em todas suas esferas, do econômico ao existencial) que está tragando o planeta de uma forma absurdamente acelerada.

E o que parece mais promissor nos movimentos dos anos 60 (e de alguns movimentos contemporâneos) foi destacado por Castoriadis, que não deixou de reconhecer os limites e os “fracassos” (uma crítica necessária para que possamos ajustar a luta constante contra o constantemente adaptável quadro de poderes):

Aquilo que Maio de 68 e outros movimentos dos anos 60 mostraram foi a persistência e o poder do projeto de autonomia que se traduzia pela recusa do universo capitalista-burocrático e, simultaneamente, pelas novas idéias e práticas que esses movimentos inventaram ou difundiram. Porém, também foram testemunhas dessa dimensão de *fracasso* até agora aparentemente indissociável dos movimentos políticos modernos: dificuldade imensa em prolongar positivamente a crítica da ordem existente das coisas e impossibilidade de assumir o projeto de autonomia individual e, ao mesmo tempo, social, que instaurava uma autogovernança coletiva.⁴¹

Por fim, é uma atitude – corroborada por este próprio trabalho – que procura levantar o que fica de positivo, o que se mostra como possibilidade, conquista (ainda que mínima), visto que a paralisia diante das “condições objetivas desfavoráveis” só fez alimentar, no seio das próprias esquerdas, o velho discurso passivo diante da realidade. Dessa forma, o “fracasso” se mostra relativo e parcial, o que nos impele para a manutenção das lutas pelos avanços já conquistados e pela ampliação de novas demandas.

Caso seja necessário lembrá-lo, só muito excepcionalmente é que o fracasso é total. Na maioria dos casos estes movimentos conduzem à instituição formal de certos direitos, liberdades e garantias sob as quais ainda hoje vivemos. Em outros casos, sem nada instaurar no sentido

⁴¹ *Ibid.*, p.80. Grifo no original.

formal, deixam marcas profundas na mentalidade e na vida efetiva das sociedades – tal foi, sem dúvida, o caso da Comuna de Paris de 1871, tal foi seguramente [...] o caso dos movimentos dos anos 60.⁴²

A história ainda não acabou.

⁴² *Id., ibid.*, p.81.

Sugestões bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

BOOKCHIN, Murray. *Sociobiologia ou Ecologia Social?* Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

BRETON, A.; FERRUA, P.; PÉRET, B. (et.alli). *Surrealismo e anarquismo*. São Paulo: Ed. Imaginário, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. “Os Movimentos dos Anos 60”. IN: *Sobre o Conteúdo do Socialismo/Os Movimentos dos Anos 60*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. São Paulo: Imaginário/Sedição 2004.

COHN-BENDIT, Gabriel; _____, Daniel. *El izquierdismo, remédio a la enfermedad senil del comunismo*. Paris/Mayo-Junio 1968. México, D.F.: Editorial Grijalbo, 1969.

FELICI, Isabelle. “A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi”. IN: *Cadernos AEL*. Anarquismo e anarquistas. Campinas: Unicamp, 1999.

GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GONBIM, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.

GRAEBER, David. “The new anarchists”. *New Left Review*, nº 13, jan/feb 2002, pp.61-2. Obteve o artigo em versão PDF no sítio <<http://newleftreview.org/A2368>>.

GUARNACCIA, Matteo. *Provos*. Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. Pulsações políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KEROUAK, Jack. *Os vagabundos iluminados*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MICCOLIS, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

OUTHWAITE, William (et.alli). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAGANOTTO, Waldir. *Imprensa alternativa e anarquismo: “O Inimigo do Rei” (1977-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 1997.

PINTO, Leonardo Carvalho. “O Inimigo do Rei: um jornal anarquista”. IN: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp.133-45.

RAGO, Margareth. “Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola”. IN: *Letralivre*. Revista de cultura libertária, arte e literatura. Ano 6, nº. 33. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002, pp.8-16.

RODRIGUES Edgar. *O anarquismo no banco dos réus*. (1969-1972). Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.

_____. *O ressurgir do anarquismo: 1962-1980*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura*. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

WALTER, Nicolas. *Sobre o anarquismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários*. 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Sítios eletrônicos

A-Infos (agência de notícias sobre anarquismo, em vários idiomas)

<<http://www.ainfos.ca/>>

Anarchy Archives (em inglês)

<http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/>

Coletivo de Estudos Domingos Passos

<<http://www.nodo50.org/insurgentes/principal.htm>>

Federação Anarquista do Rio de Janeiro

<<http://farj.sarava.org/>>

Fotos sobre as manifestações de Maio de 68

<<http://brownsoundclothing.com/sla/blog/6868/6868.html>>

Grupo de Estudos do Anarquismo

<<http://geauff.blogspot.com/>>

Textos de Paul Goodman (em inglês)

<<http://www.preservenet.com/theory/Goodman.html>>